

# CAPITALISMO, TRABALHO E EDUCAÇÃO

Maria Clarisse Vieira\*

.....

LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís. *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

Em agosto de 2001 o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” — HISTEDBR — realizou na Universidade de Campinas seu V Seminário Nacional, tendo como tema central as “transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação”. A presente obra registra os principais debates ocorridos no evento. O livro está organizado em quatro partes, das quais as três primeiras correspondem à estrutura central do Seminário. A última parte analisa a constituição e trajetória do HISTEDBR.

A primeira parte compreende a conferência inaugural proferida por Dermeval Saviani que abordou o tema “as transformações do capitalismo, do

mundo do trabalho e da educação”. O autor remonta às origens do HISTEDBR, destacando seu envolvimento profissional na constituição e história do grupo. Criado em 1986, o grupo buscou superar a visão tradicional da história da educação, centrada nas idéias e instituições pedagógicas. A partir das contribuições do materialismo histórico-dialético concebia a história da educação como forma de “compreender a inserção da educação no processo global da existência humana, enquanto prática social determinada materialmente”. (p.15) Ao longo de sua trajetória o grupo se ampliou, incorporando novos membros em torno

---

\* Doutoranda em Educação pela FaE / UFMG.

de um projeto coletivo, sem exigir adesões às concepções supracitadas. Concomitante a este processo, as condições históricas se modificaram. Com o fim do socialismo real propaga-se nos meios intelectuais a morte do marxismo, o triunfo do liberalismo e da economia de mercado. Ao analisar este contexto afirma que não há como conhecer a história da sociedade contemporânea, em geral, e a história da educação, em particular, sem conhecer o movimento do capital. Para compreender as atuais transformações do capitalismo, discute o grau de controle da burguesia sobre as crises cíclicas do capitalismo, analisando de forma breve o desenvolvimento do capitalismo mundial ao longo do século XX e suas repercussões no mundo do trabalho e da educação.

A segunda parte compreende mesa redonda que discutiu o tema “capitalismo, trabalho e educação”. A mesa contou com participação de Octávio Ianni, Ricardo Antunes e Pablo Gentilli. Também publicou-se nesta parte texto de Gaudêncio Frigotto, que não fora apresentado no evento.<sup>1</sup> O artigo de Ianni intitulado “o cidadão do mundo” se insere no conjunto de reflexões que vem sendo realizadas pelo autor sobre as intensas modificações nas esferas econômicas, culturais, políticas e sociais consubstanciadas no processo de

globalização. O autor questiona sobre que tipos de sociabilidades estão sendo construídas e como o indivíduo se constitui nesse processo. Em meio a uma nova sociedade civil mundial atravessada por estruturas mundiais de poder está em curso a formação de um outro indivíduo, “que pode ser um novo, diferente e problemático cidadão”. (p.30) Para ele, “a singularidade do indivíduo em todos os seus vínculos, nexos e determinações pode expressar algo ou muito da humanidade que se esboça com a formação da sociedade mundial”. (p.32) Em meio a um conjunto de esferas que se articulam na formação do ser social, destaca a relevância da educação formal, apontando a grande influência exercida pelo Banco Mundial em reformas nos sistemas de ensino em âmbito mundial. Destaca a influência da mídia na formação de quadros mentais de referência e de como esta pode atuar na constituição de outra sociedade.

No texto “trabalho e superfluidade” Ricardo Antunes discute o desperdício, a superfluidade e a destrutividade que permeiam o capitalismo contemporâneo.

---

<sup>1</sup> O artigo foi produzido para o I Simpósio de Pesquisa sobre Trabalho e Educação organizado pelo Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da UFMG, que ocorreu em junho de 2001.

Neste cenário, o capital descarta e torna supérflua parcela da força humana mundial por meio do trabalho não-estável, terceirizado e/ou "part-time", em ascensão no mundo produtivo industrial e de serviços. No campo da produção em geral observa-se fenômeno semelhante, pois "quanto mais 'qualidade total' os produtos alegam ter, menor o seu tempo de duração". (p.37) O autor problematiza algumas das teses que propugnam o fim do trabalho na etapa atual. Para ele ocorre um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva que não elimina o trabalho vivo, mas o retroalimenta, gerando a necessidade de uma força de trabalho complexa e multifuncional, cujos processos de exploração são mais intensos e sutis.

No texto "três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais", Pablo Gentili desenvolve de forma breve três idéias acerca da relação trabalho e educação no contexto das reformas educacionais promovidas pelos governos neoliberais na América Latina. O autor analisa o esgotamento da formulação clássica da teoria do capital humano e a sua atual ressignificação. Neste cenário, o conceito de empregabilidade ganha vulto. A função da escola como âmbito de formação para o emprego é modificada, pois "educação

e desemprego, a educação e a distribuição regressiva da renda social, a educação e a pobreza podem conviver num vínculo conflitante, porém funcional com o desenvolvimento e a 'modernização' econômica". (p.48) Com base nas desigualdades sociais e educacionais existentes na América Latina, problematiza as vinculações entre investimento educacional e crescimento econômico no contexto de desintegração social promovida por regimes neoliberais. Para ele o aumento significativo dos índices de escolarização ocorrido naqueles países, demonstra que a educação e o desenvolvimento se relacionam e influenciam, mas não necessariamente, de uma forma positiva.

O texto de Gaudêncio Frigotto intitula-se "estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação". O texto analisa tema bastante debatido pelo marxismo e por outras correntes contemporâneas: o da relação entre o determinismo economicista e das estruturas e o voluntarismo subjetivista. A partir das contribuições do marxismo concebe o homem como sujeito que produz sua história, mas a partir de condições sociais historicamente construídas. O autor questiona as correntes pós-estruturalistas e pós-modernas por hipertrofiarem a subjetividade e não considerarem o sujeito histórico-social.

Também discute a contradição entre trabalho social e relações de produção no capitalismo tardio, afirmando que o capital esgotou sua capacidade civilizatória e tende à destruição dos direitos sociais conquistados pela classe trabalhadora. Por fim analisa questões candentes sobre a relação trabalho e educação, destacando alguns princípios e abordagens que podem contribuir nas pesquisas sobre o tema.

A terceira parte compreende o tema “capitalismo, trabalho e educação no Brasil”, discutido em mesa redonda composta por Acácia Kuenzer, Celso Ferreti e Maria Ciavatta.

O texto “exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho”, de Acácia Kuenzer, elucida as novas formas de exclusão produzidas no trabalho e na escola, a partir da pedagogia toyotista. Destaca a facilidade com que esta pedagogia se apropria, do ponto de vista do capital, de concepções elaboradas pela pedagogia socialista, levando alguns educadores a crer na possibilidade de um consenso entre o capital e o trabalho. Inspirada em Gramsci discute as relações de produção e as novas formas de organização do trabalho e da educação engendradas no fordismo e toyotismo, mostrando que o exame das práticas inscritas no atual regime de produção

perpetuam e acentuam a separação entre trabalhadores e dirigentes. O trabalho pedagógico no toyotismo se constitui em forma de disciplinamento para a vida social e produtiva no capitalismo, reproduzindo todas as suas contradições. Kuenzer elucida as novas formas de dualidade estrutural em curso no âmbito do trabalho e na realidade escolar, denominadas de “exclusão includente” e inclusão excludente, os quais fornecem a força de trabalho apropriada às necessidades de valorização do capital. Para ela é nas contradições inerentes ao capitalismo, que se pode vislumbrar a utopia de uma outra sociedade. Cabe aos educadores aprofundar o diálogo com a pedagogia socialista, dirimindo os equívocos de interpretação e as contradições inerentes à pedagogia capitalista.

O texto de Celso Ferreti intitula-se “Empresários, trabalhadores e educação: diferentes olhares sobre as relações trabalho e educação no Brasil nos anos recentes”. Nele o autor retoma reflexões realizadas em artigo produzido em 1995, no qual analisava a forma como empresários, trabalhadores e educadores percebiam as demandas e desafios postos à educação escolar, em função das mudanças operadas no capitalismo. O objetivo é avaliar como as teses e proposições defendidas por estes

segmentos se consubstanciaram em políticas concretas. Descreve a ação dos empresários em relação ao sistema educacional, restrita a tentativas de influenciar os rumos amplos da educação brasileira e a ações educacionais de caráter imediato, que afetavam diretamente às empresas. No que tange aos trabalhadores revela os vários desdobramentos das posições defendidas em 1995, por meio de análise da atuação de três centrais sindicais,<sup>2</sup> as quais a partir da implantação do PLANFOR, tornaram-se mais atuantes em relação ao ensino profissional. Com base em diversos estudos afirma que as centrais se diferenciam no que tange a concepções educacionais, de cidadania, de trabalho e também nas práticas educacionais que desenvolvem. Ferreti analisa uma série de medidas adotadas no âmbito da educação, a partir de 1995, e suas repercussões na estrutura educacional do País. No que tange aos educadores, constatou que tanto há os que aderem e participam na elaboração destas reformas, quanto aqueles que ao adensar suas críticas, percebem que tais reformas trazem diversos benefícios ao capital.

Maria Ciavatta no texto “mediações do mundo do trabalho: a fotografia como fonte histórica” examina algumas das mediações do mundo do trabalho, a escola do trabalho e a educação dos

trabalhadores pela ideologia da “grande família” da fábrica nas três primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro. A autora busca enfocar as imagens do trabalho e do trabalhador, em sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhes constituem. Para isto, retoma a discussão sobre o trabalho como princípio educativo, descrevendo o contexto político e social da Primeira República. Neste período, a busca de uma “nova escola” passa primeiro pela preocupação em ajudar os desvalidos da sorte e atender às necessidades da indústria nascente. E, em segundo, pelo ideário escolanovista que concebia o trabalho manual como forma de superar o beletismo. Cruza-se, então, o princípio cristão de que o trabalho dignifica o homem e a ideologia liberal do trabalho como valor que gera o progresso nacional. A autora ainda tece considerações metodológicas sobre a fotografia como fonte histórica e reafirma a centralidade do trabalho como categoria fundante para compreender as relações engendradas no capitalismo.

A última parte do livro traz o artigo “15 anos do HISTEDBR: histórico e situação atual” escrito por Saviani e Lombardi. É realizado um balanço dos 15 anos de história do HISTEDBR e das

<sup>2</sup> CUT, CGT e Força Sindical.

atividades acadêmicas desenvolvidas, introduzindo-se algumas reflexões sobre sua trajetória.

O conjunto de artigos deste livro aborda as transformações ocorridas na etapa atual do capitalismo. Embora cada autor traga contribuições específicas para elucidar as relações entre capitalismo, trabalho e educação, e suas manifestações em nível mundial e na realidade brasileira, observa-se a existência de pontos comuns entre eles. Adensa-se a crítica às conseqüências da globalização econômica e ao ideário do livre mercado, que gera a perda de direitos sociais conquistados pela classe, acentuando os processos de exclusão social e econômica. Os autores reafirmam princípios como a centralidade do trabalho e alguns retomam a teoria materialista histórica dialética em suas análises. Pela riqueza, profundidade e diversidade das discussões, o livro tem muito a contribuir na compreensão da atividade pedagógica, a partir das bases materiais e sociais engendradas na atual fase do capitalismo.

Data de recebimento: 15 de junho de 2003

Data de aprovação: 20 de junho de 2003